

por:  
MARINA  
GRILLI.



Convidada da edição:  
**Profª. Drª. Emanuela  
Monteiro (UERN)**

Professora Adjunta do curso  
de Pedagogia da  
Universidade do Estado do  
Rio Grande do Norte (UERN).

Doutora em Educação  
Brasileira pelo Programa de  
Pós- Graduação em  
Educação da Universidade  
Federal do Ceará  
(PPGE/UFC).

Mestre em educação pelo  
Programa de Pós-  
Graduação em Educação da  
Universidade Estadual do  
Ceará (PPGE/UECE).

Graduada em Pedagogia  
pela Faculdade de Filosofia  
Dom Aureliano Matos  
(FAFIDAM/UECE).

Atua principalmente nos  
seguintes temas: Trabalho e  
educação, Crise estrutural e  
destrutividade do capital e a  
relação entre economia e  
educação, Política  
educacional.

## QUAL O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA RESISTÊNCIA POPULAR?

“É preciso sair da produção estritamente acadêmica e possibilitar o contato com os movimentos sociais e com o povo, transcendendo os muros da universidade.”

**Marina:** - Manu, assim que ficou definido o tema “Educação e Luta” para esta edição da Futuro do Pretérito, eu pensei em você. Por dois motivos: porque você analisa a educação brasileira sob um viés marxista e por causa do projeto *UERN vai à escola*, que hoje você coordena. Conta pra gente um pouquinho da proposta desse projeto.

**Emanuela:** - Estou temporariamente como coordenadora do projeto, por conta da saída da professora lasmin Marinho para a licença de capacitação, estando a frente desse como vice-coordenadora desde o início. O projeto de extensão *UERN vai à escola* começou, nesse formato remoto, com *lives* no Instagram voltadas para a discussão de textos da seleção do mestrado em educação da UERN, seguidas de *lives* com professores de outras universidades e *posts* no Instagram, com o objetivo de dar continuidade ao trabalho já desenvolvido pelo projeto desde 2018, interrompido em seu formato presencial pela pandemia da Covid-19. A UERN difere de outras universidades porque é interiorana: o campus central é no interior, em Mossoró. O público possui um nível socioeconômico bem específico, pertencendo à classe trabalhadora, principalmente nos cursos de licenciatura. Porém, em tempos de neoconservadorismo e de ascensão da extrema direita, a UERN, assim como outras universidades brasileiras, tem sido perpassada por essa conjuntura de ataques ao público e de tentativas de esvaziamento dos processos democráticos.

O projeto *UERN vai à escola* tem sido uma forma de resistir e seguir em frente. À medida que as ações iam sendo realizadas, o projeto foi sendo ampliado, porque foram criados subprojetos dentro dele. Hoje, é um projeto de extensão que conta com quatro subprojetos (políticas públicas e gestão da educação, educação e trabalho, literatura e formação do leitor, história e memória), envolvendo formações internas, *lives* no canal do YouTube, eventos e quadros com postagens semanais no "*Insta*". Existe uma proposta de transformá-lo em um programa de extensão, o que vai possibilitar pleitearmos bolsas para as alunas monitoras que o compõem, executando os trabalhos de organização das comissões, elaboração de arte, preparação de materiais para as postagens semanais e de eventos e divulgação on-line.

**Marina:** - Foi uma forma de aproveitar a onda do ensino remoto desencadeada pela pandemia?

**Emanuela:** - É claro que somos completamente contra o ensino remoto e todas as suas implicações nefastas para o processo de ensino-aprendizagem e para a educação pública em particular, aprofundando as tendências privatistas já em andamento. Inclusive, estamos em um movimento de forjar meios de resistência, ocupando os espaços com discussões que problematizam a barbárie que estamos vivenciando e suas reverberações no campo educativo.

Não se trata, simplesmente, de fazer uma crítica ao ensino remoto durante a pandemia, mas também de apresentar proposições. Tem muita gente que acredita que os professores foram contra o ensino remoto porque não queriam trabalhar... Isso é um completo absurdo! A universidade tem sido muito atuante em várias frentes desde o início da pandemia, não só no tocante às pesquisas voltadas para a crise de ordem sanitária, mas também para as suas consequências em diversas dimensões sociais.

O problema é tudo o que o ensino remoto traria e trouxe no quesito exclusão. Me incomoda quando colegas dizem que, depois que a pandemia for passando, aos poucos, o ensino vai continuar sendo assim. É a privatização da universidade! Nós estamos tentando seguir na contramão desse processo.

**Marina:** - Como tem sido essa exclusão devido ao ensino remoto na UERN?

**Emanuela:** - Eu ministrei uma disciplina, com mais de 30 alunos, em que 12 chegaram a desistir porque não conseguiam acompanhar as aulas on-line. É muito difícil. Eu afirmo, nas minhas aulas, que me contraponho veementemente a esse movimento e que não

---

sou professora de EaD –principalmente dessa modalidade precarizada, denominada de ensino remoto, que não possui uma plataforma digital específica e que antes sequer existia. Eu estou aprendendo a lidar com essa situação, também enfrento dificuldades. Há estudantes que tiveram problemas de ordem psíquica. Transtorno de ansiedade, depressão, síndrome do pânico... A universidade tem que ser flexível e inclusiva. A UERN tem serviço de acompanhamento psicológico, mas ele obviamente não dá conta da demanda. Além disso, muitas das alunas da licenciatura são mães, assim como eu, e estão imersas em uma sobrecarga de trabalho exaustiva e degradante, já que nesse cenário pandêmico ficou ainda mais evidente as opressões de gênero. A pandemia escancarou o seu corte de raça, classe e gênero, atingindo de forma articulada os historicamente oprimidos.

**Marina:** - Eu também sou mãe. As alunas mães são sempre invisíveis! Na USP, por exemplo, as creches são sistematicamente sucateadas, e não existe um programa de vagas para filhos de estudantes na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação. Só para filhos de funcionários. Os alunos concorrem às mesmas vagas destinadas à comunidade externa!

**Emanuela:** - Veja só, a UERN lançou um auxílio de inclusão digital para estudantes. O estudante que comprovar que se enquadra em um perfil de vulnerabilidade socioeconômica recebe um valor de mil reais para comprar um tablet e para pagar um plano de internet. Ou o tablet, ou a internet! Porque não dá para pagar os dois. O que é que se faz com isso? E quem tivesse bolsa não poderia concorrer a esse auxílio! Mas e as alunas mães, que usam a bolsa para sustentar a casa? Tenho alunas bolsistas, passando por situações bem difíceis, que agora estão tentando disputar uma vaga precarizada de trabalho, à margem das relações formais de emprego, para ter um dinheiro a mais para ajudar em casa e se manter em um cenário de aumento galopante dos custos de vida e da tentativa de corte, restrição e diminuição do valor do auxílio emergencial.

**Marina:** - Essa questão de não poder acumular bolsa, ou trabalhar e receber bolsa, a meu ver, é extremamente problemática. Traz a ideia de que a bolsa é um favor, e não uma remuneração pelo trabalho de pesquisa. O próprio nome “bolsa” já diz isso! Imagine uma pessoa que vai em busca de um segundo emprego e, na entrevista, o contratante diz “tudo bem, você pode trabalhar aqui, mas obviamente não vai querer receber salário,

pois você já tem outro emprego, né?” É isso que fazem com quem trabalha e recebe bolsa, porque a bolsa é insuficiente para viver. É a cultura de que receber pelo trabalho de pesquisa é “mamata”. Temos que trabalhar escondidos!

**Emanuela:** - Sim. Hoje, diante de um governo escancaradamente negacionista, o pesquisador é tratado como criminoso, e o trabalhador não tem direito nem de comer! Eu não posso mais chamar isso nem de sobrevida. Estão tentando tirar tudo, tudo de nós, até as condições básicas mínimas de existência.

**Marina:** - E ainda tem a questão da produtividade na academia, né?

**Emanuela:** - Sim, essa mentalidade de Lattes. Uma vez, eu li um artigo na Carta Capital falando da “McDonaldização” da produção acadêmica e defendendo uma *slow science*. É isso, pensa-se muito em produção, mas que tipo de produção estamos fazendo? E a função social da pesquisa, onde fica? Eu não quero ser marxista de gabinete, sinceramente, isso muito me incomoda. É importante produzir conhecimento, mas também manter o contato com a população, estreitar laços, é isso que a universidade precisa fazer. E, também, receber o suporte de fora para resistir dentro da universidade, pois está muito difícil a situação em meio a escolha de interventores para as universidades federais e estratégias eleitoreiras para colocar candidatos conservadores à frente de reitorias... Temos uma luta muito árdua pela frente.

**Marina:** - Como seria receber esse suporte de fora da universidade?

**Emanuela:** - É preciso sair da produção estritamente academicista e possibilitar o contato com os movimentos sociais e com o povo, transcendendo os muros da universidade. Resistir dentro e fora da universidade, pois o que estamos vivenciando já é o prenúncio da barbárie. Por isso, a universidade tem que se aproximar da população, forjar meios que possibilitem esse contato. A extensão tem uma função social muito importante. Esse laço da universidade com a sociedade vai no sentido de construir, somar, e, também, se abrir para aprender com o que vem de fora.

**Marina:** - E é isso que pretende o projeto *UERN vai à escola*?

**Emanuela:** - Sim. Nós precisamos nos articular enquanto coletividade dentro do campus, e estabelecer esse contato com a sociedade; e, diante do atual quadro sanitário, ocupar os espaços das mídias sociais por meio das atividades remotas. As ações exten-

sionistas do UERN vai à escola já giravam em torno de uma aproximação com a escola e com a comunidade escolar antes da pandemia. E, à medida que o trabalho das monitoras foi sendo organizado em comissões, e que surgiram os subprojetos, o projeto foi ganhando uma dimensão bem maior, não só restrita à UERN e ao estado do Rio Grande do Norte. As *lives* trouxeram convidados e inscritos que não estariam presentes se os eventos fossem presenciais. Nós construímos essa ponte com a sociedade e com outras universidades a partir das condições objetivas que tínhamos naquele momento. E os resultados foram maravilhosos, porque houve participação de muitos estudantes, pós-graduandos, professores de outras universidades... O nome da UERN chegou longe. Quem segue na contramão, como nós, tem se esforçado bastante para ocupar os espaços das mídias sociais e produzir discussões engajadas.

**Marina:** - Por que contramão?

**Emanuela:** - É um compromisso político com a função social da universidade, de dar um retorno, uma resposta, em um momento como esse. Conheço muitos professores que fizeram muitas *lives*. Pessoas que ficaram sobrecarregadas de trabalho e mesmo assim não negavam convites. Houve *lives* vinculadas não só a universidades, mas também a sindicatos. Iniciativas muito importantes. Foi cansando, né? No fim do ano a participação foi ficando mais difícil, mas o contributo das universidades, de modo geral, e daqueles que seguem na contramão, foi muito relevante. Teve muito material, *lives*, eventos e pesquisas discutindo a conjuntura, discutindo o contexto de pandemia sob perspectivas teóricas críticas. Mas é claro que também tem um outro lado, tem o viés produtivista, as pessoas assistindo em busca de certificados...

**Marina:** - De qualquer forma, é muito melhor do que insistir em seguir o cronograma normal das aulas na modalidade remota, né?

**Emanuela:** - Estabelecer um cronograma de ensino remoto foi uma das tentativas de “passar a boiada” dentro da universidade. E depois houve várias outras tentativas de golpe. Temos uma conjuntura complicada, um (des)governo da morte que se contrapõe escancaradamente à vacina no discurso e na prática – quando não compra, quando retira dinheiro do CNPq para gastar com leite condensado, cervejas caras e picanha para o exército, quando destrói as relações com países como a China, que fornece insumos para a produção de vacinas. O foco está no capital financeiro e no agronegócio, e o povo

segue morrendo. Houve um recuo de uma parte da esquerda, por medo. Eu compreendo, mas se a gente não decidir se expor de forma estratégica, seremos engolidos. Esse negócio de se calar e se omitir é ser conivente. A correlação de forças não está a nosso favor. Há algumas peculiaridades, nas universidades, mas, no sentido geral, não está.

**Marina:** - Interessante isso das universidades. Na USP, a extensão tem uma força bem menor, tem muito pouca articulação com a comunidade.

**Emanuela:** - A lasmin Marinho, minha colega na UERN, fez mestrado na USP e já comentou comigo essa separação entre a USP e a vida real. Tem um pouco a ver com a história da USP em si. Mas em Mossoró também existem essas questões, porque a universidade tem essa separação, principalmente quando as coisas vão piorando, como agora, com cortes nos direitos sociais e na democratização do acesso à universidade. Os governos do PT podem ter tido um viés neoliberal, sim, mas possibilitaram essa democratização, embora de modo bastante complicado e com forte viés privatista. Eu entrei na universidade e tive bolsa, não teria conseguido me manter sem ela. No mestrado e doutorado, também tive bolsa. Eu, assim como várias amigas, só estou em cargo concursado hoje por causa disso. É claro que o PT deu uma parte significativa dos recursos públicos para a iniciativa privada, mas também trabalhou pela democratização do acesso à universidade pública, sim. Porém, ainda temos um percentual altíssimo de analfabetos em pleno século XXI. E esse governo atual vai acabando com o mínimo que já tinha sido realizado. Não é verdade que Bolsonaro não tem projeto de governo, que ele é ignorante e não sabe o que faz. Há um projeto claro de destruição da coisa pública e dos direitos humanos.

**Marina:** - Você acredita que esse caos da pandemia é mais acentuado no Brasil?

**Emanuela:** - Nem tanto. Mézáros relaciona o desemprego estrutural à mão de obra supérflua que não vai ser absorvida pelo mercado, e à taxa diferencial de exploração, inclusive nos países hegemônicos. Ele também fala que a taxa diferencial de exploração nos países centrais era bem menor do que nos países de periferia do capital, até a erupção da crise estrutural na década de 1970. E, com o passar dos anos, essa taxa diferencial de exploração foi se igualando entre os países centrais e os periféricos. A precarização também atinge esses países. Mas em um país periférico, com tamanha concentração de renda, como o Brasil, é pior.

**Marina:** - Sem palavras quanto a esse governo.

**Emanuela:** - Virgínia Fontes o caracteriza como um governo protofascista, mas com a predominância de uma política ultraliberal. Ela fala de uma cabeça bifronte: a outra face dessa cabeça é o ideário fascista, mas as políticas ultraliberais têm um peso maior. É isso que nós estamos vendo.

**Marina:** - O Boaventura de Sousa Santos escreve algo parecido, sobre o processo de modificação do fascismo depois da Segunda Guerra. O fascismo atual não é uma ideologia oposta ao neoliberalismo, eles se complementam.

**Emanuela:** - Sim. O que está acontecendo em Manaus, por exemplo, é muito pior do que o que estamos vendo, é uma política escancaradamente genocida. O facínora e seus agentes da morte estão passando a boiada por cima dos corpos.

**Marina:** - E qual modelo de educação você acredita que poderia dar certo no Brasil?

**Emanuela:** - Eu gostaria que o Brasil seguisse a pedagogia revolucionária do Chile. Que expressasse a nossa revolta, a nossa contraposição à barbárie que está proposta como plano de governo para as nossas vidas. Mas o que estão tentando fazer aqui é o contrário, é a privatização da educação, tudo que deu errado no Chile estão tentando implementar aqui. O Chile foi um grande laboratório das políticas neoliberais da América Latina.

**Marina:** - A própria ideia de ter uma educação pública de qualidade no Brasil vai parecendo distante. Educação hoje é privilégio. E vários outros direitos têm sido colocados como privilégio ultimamente, né? O privilégio de trabalhar em casa para não se expor ao coronavírus. O privilégio de poder pagar uma consulta médica urgente para não esperar meses pelo atendimento em hospital público. O privilégio de ter direitos trabalhistas!

**Emanuela:** - Privilégio é colocar o luxo como necessidade. A dignidade não é um privilégio, é um direito.

---

Revista

# FUTURO DO PRESENTE

MAR. 2021 • VOL. 3 • NÚM. 1

FEUSP

Ciência e  
Tecnologia:  
O papel da  
Universidade na  
resistência popular

**EDUCAÇÃO  
E LUTA**

CONHEÇA MAIS SOBRE A  
SEÇÃO TÉCNICA DE INFORMÁTICA  
DA FEUSP (STIFE)

Relatos: como a educação  
transformou ou está  
transformando a sua vida?

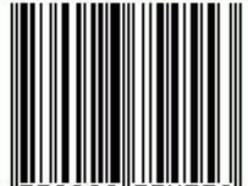
**PARA CONHECER  
PAULO FREIRE  
E A CONSTRUÇÃO  
DE UMA EDUCAÇÃO  
CRÍTICA**

2021: Fique por dentro  
dos principais eventos  
em homenagem ao  
centenário de  
Paulo Freire

10 COISAS SOBRE PAULO  
FREIRE: VOCÊ CONHECE A  
TRAJETÓRIA DO NOSSO  
PATRONO DA EDUCAÇÃO?

ENTRE PARA O NOSSO  
CORPO EDITORIAL:  
A REVISTA É SUA!

ISSN 0026-7546



9 770026 754553